

CASAS SUBURBANAS E ESTILOS DE VIDA RURAIS NO SUL DE PORTUGAL*

por

Denise Lawrence-Zúñiga**

Abstract: This study examines the evolution of the form of housing in a rural southern Portuguese community and its relation to changing values and lifestyles of its residents. During this century housing has come to accommodate less an agricultural way of life and more an urban lifestyle as rural residents of all classes have sought to appropriate bourgeois house forms and incorporate improving technologies. The research describes three distinct phases of house construction, traditional, new and suburban, as well as remodeling strategies employed by residents of older houses to update their homes. In the first half of the century, families tried to incorporate an entry area and *sala* or parlor into the home; during the last half of the century, bathrooms and modernized kitchens have been important additions to the home. These latter strategies imply a number of anomalies in remodeling traditional house forms, such as the replacement of *chamine* or hearth for the bathroom, and the exile of the traditional kitchen to an outdoor room. The import of these changes points to, first, the increasing privacy of the family as a distinct and autonomous entity apart from its ties to neighborhood, and secondly, to increasing individual privacy at the expense of familial sociability.

À primeira vista, Vila Branca assemelha-se a qualquer outra vila rural acastelada do Sul ibérico, com as suas casas caiadas e os telhados encarnados agrupados apertadamente no cimo duma colina com condições de defesa. Numa extremidade, situa-se o castelo da Reconquista do século XII; na outra, a igreja matriz. Uma cena graciosa e tradicional — até a vista captar a disposição, em forma de grelha, das novas vivendas resplandentes, de estilo suburbano, espalha-

* Tradução de Brian Juan O'Neill, revista pela autora, Vítor Oliveira Jorge e Henrique Costa Gomes de Araújo.

Este texto baseou-se na comunicação apresentada ao 87º Congresso Anual da *American Anthropological Association*, que decorreu entre 16 e 20 de Novembro de 1988 em Phoenix, Arizona, integrada no painel intitulado "Anthropology Meets History in Portugal: Kinship, Inheritance, and Dynamic Community Models", organizado por Brian Juan O'Neill. Uma versão ligeiramente diferente deste artigo — em língua inglesa e intitulada "Suburbanizing Rural Lifestyles Through House Forms in Southern Portugal" — irá ser publicada no volume *House Life: Space, Place and Family in Europe*, organizado por Donna Birdwell-Pheasant e Denise Lawrence-Zúñiga (Oxford: Berg Publishers, 1998). Esse livro reúne textos de antropólogos sobre as interações socioculturais entre as formas habitacionais e os seus ocupantes na Grécia, Irlanda, Itália, Sérvia e Portugal.

** Professor of Architecture – California State Polytechnic University, Pomona.

das à volta da base ocidental da colina.

Uma das mudanças mais significativas na vida familiar do Ocidente ao longo dos séculos XIX e XX tem sido a importância crescente dos aspectos materiais do lar e a relação desta mudança com a organização da vida familiar, uma tendência associada principalmente ao desenvolvimento das classes burguesas industriais. As classes médias citadinas (os *urbanites*) da Europa e da América do Norte oitocentistas, em particular, promoveram certas formas habitacionais¹ não apenas como meio de melhorar as condições físicas de viver — sobretudo nas cidades industriais marcadas pelas suas condições higiénicas pouco famosas —, mas como veículo de alteração intencional de comportamentos e valores familiares. A adopção de formas de habitação burguesas, incluindo a casa isolada², associa-se a uma transformação de fundo nos estilos de vida e nos valores familiares.

Durante os últimos cem anos, e especialmente desde os finais da década de 1970, têm-se verificado alterações significativas do meio ambiente físico nas comunidades rurais portuguesas, em consequência da consolidação de mudanças nas tecnologias de construção de residências e nas ideias de planeamento. A rápida expansão de capital comercial e privado no sector da habitação, incorporando novas formas de construção, tem transformado tanto a paisagem rural como as famílias que aí residem. Neste trabalho aprofundamos os efeitos socioculturais de mudanças na cultura material numa agro-vila do Sul de Portugal, onde residências suburbanas isoladas e semi-isoladas foram introduzidas nos finais dos anos 70; abordamos alguns dos efeitos, tanto intencionais como inesperados, deste processo na vida familiar. Pesquisamos o papel da cultura material como agente de mudança, e a casa suburbana em particular, como instrumento de deslocação de ênfase no uso e no significado do lar, da sociabilidade familiar para a privacidade individual. Além disso, abordamos as consequências de ideais competitivos e concorrentes do comportamento doméstico e caseiro, que se exprimem de modo algo anómalo nas formas construídas; assiste-se à fragmentação e à recombinação de sentidos e usos em configurações novas antes imprevisíveis.

FORMAS HABITACIONAIS BURGUESAS

O incremento na popularidade de formas habitacionais suburbanas burguesas — idealizada na forma da casa isolada — constitui um fenómeno histórico

¹ Nota do tradutor: *Home*, no original inglês, traduz-se por vezes por “lar” num sentido especificamente doméstico, sem qualquer referência para instituições de terceira idade, e a frase *house form* por “formas habitacionais”.

² N.T. - *The detached single family house* no original, assinalando o carácter independente ou isolado desse domicílio.

relacionado com a Revolução Industrial na Inglaterra e na América do Norte. A criação e desenvolvimento desta forma arquitectónica oitocentista, tal como duma forma anterior de apartamento burguês urbano, exprimiram o culminar de ideias relacionadas com a separação do trabalho da esfera doméstica e com a aquisição do progresso através dum incremento na especialização de funções (Hareven 1991; R. Lawrence 1990). Através da adaptação de ideias arquitectónicas oriundas da aristocracia, e da sua moldagem a meios mais modestos, a burguesia procurou criar uma nova ordem doméstica espacial destinada a proteger a família das condições de vida da cidade central, entendidas como perigosas e desinteressantes³, e a reestruturar as relações familiares. Embora as formas habitacionais suburbanas tenham aparecido tanto na Europa continental como na Inglaterra (Guerrand 1990), parecem ter tido uma popularidade inicial menor nesse continente, onde a aristocracia tinha tido uma tradição de cortes urbanas e olhava para a residência em meio rural como uma forma de desgraça ou exílio (Rybczynski 1986). Nas cidades continentais, então, as famílias burguesas parecem ter continuado a desenvolver o apartamento urbano até aos tempos recentes. A burguesia inglesa, no entanto, seguiu a sua própria tradição aristocrática de herdades rurais, que favoreceu o aparecimento do lar isolado. Este lar suburbanizado, não obstante os meios económicos necessários à sua aquisição, tem ganho em popularidade nos anos recentes como modo de residência preferido nas classes médias europeias.

Contribuíram vários factores para o movimento habitacional da burguesia oitocentista, incluindo a poluição do meio ambiente causada pela expansão da produção industrial, mas, mais importante, por uma população operária em rápido crescimento. A tendência das classes operárias urbanas, e dos pobres, para residirem em *tenements* superlotados, que eram associados a altas incidências de doença e comportamentos desinteressantes, despertou preocupação, na classe média, para o seu próprio bem-estar e sentido de decência. As descobertas científicas revelaram como as condições de vida, incluindo aspectos do meio ambiente construído e os comportamentos sociais e pessoais, contribuíram para a propagação de doenças. Uma boa parte da energia da burguesia foi investida não apenas no reformular dos alojamentos dos operários por meio do uso de conceitos espaciais para criar uma nova ordem moral, mas também na criação duma nova ordem doméstica para eles próprios. Para poder distanciar-se das influências físicas e sociais contaminantes da cidade, a burguesia procurou vários graus de separação através da erecção de muros e espaços de transição, ou por meio da fuga total para as redondezas idílicas nos subúrbios.

A materialidade da forma habitacional burguesa adquiriu excepcional importância na reprodução da família moderna; foi utilizada como veículo na criação

³ N.T. - *Unsavory* no original, sugerindo os sentidos de desagradáveis, desairosas ou pouco apetitosas.

do conceito da família burguesa e na colagem de comportamentos e valores a esse conceito⁴. A família moderna caracteriza-se por sentimentos que entrelaçam os seus membros em três áreas específicas: a escolha de parceiros matrimoniais baseada no amor romântico; as relações mãe/criança que glorificam o amor maternal e conferem maior valor do bem-estar dos filhos do que do dos adultos; e as relações de privacidade e intimidade que requerem a separação física da família do mundo exterior (Shorter 1975:17). A criação de espaços que apoiaram o desenvolvimento da escolha individual e que encorajavam a intimidade no interior do grupo doméstico, sem intrusões externas indesejadas, encontrou expressão nas formas habitacionais que permitiram conter cada família como uma unidade separada.

As moradias de classe média introduziram diversas tecnologias avançadas tendentes a promover condições de vida higiénicas e inovações nos arranjos espaciais para acomodar novos conceitos de privacidade familiar. No apartamento urbano continental, foi usada uma série de hierarquias de separação espacial para distanciar a família das influências exteriores; entre a rua e o próprio apartamento, o primeiro nível de protecção foi fornecido por uma entrada semi-pública correntemente usada por todos os residentes do prédio e vigiado por um *concièrge*. Podia-se encontrar um segundo nível no “foyer” ou entrada da unidade própria do apartamento, atrás do qual apenas indivíduos selecionados podiam passar até às áreas mais privadas do lar (Guerrand 1990). As salas de jantar e os salões podiam ser utilizados para as visitas formais de convidados e para apresentar uma imagem da família construída auto-conscientemente mas permaneciam fora de alcance as áreas verdadeiramente afastadas dos quartos (Rybczinski 1986). Pelo menos nos apartamentos parisienses do século XIX, não se dedicou muita atenção ao esboçar das funções da cozinha e do quarto de banho⁵; a cozinha notoriamente malcheirosa foi relegada até aos últimos limites, longe das áreas de estar formais (Guerrand 1990).

⁴ Se bem que as sociedades mais simples sejam por vezes caracterizadas pela tendência para construir espaços arquitectónicos mais gerais ou multifuncionais, que favorece uma ampla variedade de actividades (Kent 1984), na época moderna, mais do que em qualquer outra anterior, a ênfase na especialização de funções tem contribuído para a proliferação de formas arquitectónicas específicas para incluir comportamentos e sentidos humanos específicos. Além de tais estruturas domésticas como a casa isolada e os edifícios urbanos de apartamentos, foram intencionalmente projectados para estruturar, redefinir e controlar o comportamento humano formas institucionais como as prisões e os manicómios (Foucault 1975; King 1980) e o planeamento urbano (Holston 1989; Rabinow 1989). Na sua forma suburbanizada, a casa moderna, e a estrutura familiar moderna e idealizada a ela associada, constituem um complexo de ideias e comportamentos que provoca ruptura com a época precedente — um passado “tradicional” e de mudança relativamente lenta. Devido à influência universal dos espaços domésticos sobre as pessoas, e da maneira contínua, gradual e quotidiana que essa influência é exercida, estes tornam-se extremamente poderosos no modo como socializam os indivíduos segundo formas de conduta do mundo moderno (e pós-moderno) que se estendem muito para além da esfera doméstica.

⁵ N.T. - Para evitar repetição utilizamos alternadamente *quarto de banho* e *casa de banho*, embora localmente, o segundo termo é, ao que parece, o único empregue.

O aparecimento de casas suburbanas na Inglaterra e na América do Norte promoveu condições de vida higiénicas, o conforto e a facilidade de manutenção doméstica através da planificação (*design*) e das inovações tecnológicas como a ventilação dos espaços de viver, a canalização interna, o aquecimento central e sistemas eléctricos. Mas talvez o desenvolvimento mais significativo na casa isolada, e na sua organização de espaços, tenha sido o alargamento dos conceitos burgueses da privacidade familiar e individual; o lar isolado aumentou a separação entre as casas circundando cada uma delas com o seu próprio quintal, e provendo cada uma do seu próprio acesso à esfera pública. Os ingleses também começaram a considerar o lar como um lugar para passar os tempos livres, e proporcionaram um quarto privativo a cada membro da família, a usar para uma variedade de fins. Enquanto os ingleses desenvolveram a tecnologia das casas de banho com autoclismo, foi ideia norteamericana a casa sem empregados em que se combinavam o lavatório, a sanita e a banheira todos na mesma divisão, que podia ser usada por um indivíduo de cada vez (Rybczinski 1986). O ideal dos espaços interiores privativos e individualizados sustentou a propagação de valores do individualismo na vida familiar burguesa. Assim, a suburbanização da forma habitacional por interesses burgueses exprimia e promovia o desenrolar de um conceito moderno da família — esta seria uma unidade relativamente autónoma que fomentava o crescimento e o desenvolvimento dos seus membros como indivíduos.

O PODER DAS FORMAS CONSTRUÍDAS

O poder das formas construídas apoia-se na noção de que a expressão material duma ideia cultural pode ter efeitos duradouros nas pessoas muito para lá do momento da sua produção inicial. As formas habitacionais das casas definem e cercam os espaços através dos elementos arquitectónicos como paredes, tectos e soalhos, e de elementos permeáveis como portas e janelas; estas formas físicas constroem o comportamento humano, na realidade e a um nível conceptual, mas também lhe providenciam oportunidades. Idealmente, o meio ambiente construído pode exprimir significados e valores simbólicos, ou acomodar a actividade humana, através da criação de algum tipo de articulação entre o comportamento e a forma construída (Rapoport 1969). Apesar daquilo que poderia originalmente ter sido proposto na conceptualização e edificação de formas construídas específicas, no entanto, os seus usos e significados mudam em última instância consoante as pessoas que as utilizam ou apropriam através do tempo.

A origem e difusão da forma habitacional suburbanizada é um facto histórico situado no tempo e no espaço, mas a sua adopção não garante, necessariamente,

mente, a reprodução automática, imediata ou completa das relações sociais familiares modernas, dos estilos de vida e dos valores com ela associados. Ao contrário, as pessoas precisam de se movimentar dentro e através das formas espaciais, apropriando-se das qualidades destas, para que as formas construídas tenham uma influência duradoura. As formas espaciais são apropriadas por indivíduos que trazem a esta experiência valores nos quais foram previamente socializados, e sentidos que são enraizados histórica e socialmente. A apropriação das formas espaciais envolve a actualização do ser social através da percepção, da nomeação, da aquisição, da criação ou da alteração de aspectos do meio ambiente físico (Grumann 1976; Korosec-Serfaty 1985). Por meio da interacção directa com o meio ambiente construído, os indivíduos exteriorizam o ser, produzindo formas objectivadas imbuídas de significados, através das quais as relações sociais são produzidas e reproduzidas. Frequentemente, porém, a reprodução dessas mesmas relações ocorre como uma consequência inesperada das próprias acções dos indivíduos (Bourdieu 1977; Giddens 1984).

Se bem que a introdução da casa isolada possa aparecer como força exógena numa comunidade rural “tradicional” e em lenta mudança, este argumento baseia-se na suposição injustificada de que a população local constitua um sistema relativamente fechado. Dados os factos da história, as comunidades rurais europeias participaram desde há séculos em contextos mais amplos de influência; a apropriação da casa suburbana constitui apenas um elemento num processo longo, contínuo e complexo de influências históricas. De facto, os habitantes rurais têm tido conhecimento, desde há muito tempo, dos desenvolvimentos nas ideias familiares e nas formas habitacionais, através da imprensa, dos média electrónicos, e das visitas e da comunicação por meio de redes de parentesco; muitos residentes locais assimilaram estas ideias, pelo menos parcialmente, antes de apropriar as formas construídas correspondentes e de as incorporar dentro de estilos de vida já existentes. No entanto, o resultado da apropriação de formas habitacionais modernas pode conduzir as pessoas, selectivamente aculturadas nos estilos de vida familiares modernos, a gerar algumas configurações culturais novas, inéditas.

Neste trabalho aprofundamos o desenvolvimento das formas habitacionais e do comportamento familiar representados por três tipos de habitação numa comunidade rural do Sul de Portugal: descrevemos cada uma das formas, os comportamentos e nações familiares que lhes estão associados e os ajustamentos e modificações físicas e comportamentais feitas como resultado das apropriações destas formas construídas pelos seus moradores. Focam-se particularmente, neste estudo, a introdução recente da casa suburbana isolada dentro do contexto das formas históricas anteriores, e o impacto dela em todas as residências na comunidade local. Até que ponto têm mudado os comportamentos familiares, estilos de vida e valores para coincidir com as novas formas construídas? Abordaremos

especificamente as questões da privacidade, tanto da unidade familiar como dos indivíduos nela contidas. Baseamo-nos na nossa pesquisa no terreno, efectuada na comunidade originalmente em 1976-77 e em visitas periódicas posteriores àquela data, tendo a última destas sido feita entre Abril e Setembro de 1993.

VILA BRANCA

Vila Branca⁶ é uma pequena agro-vila do Alto Alentejo com uma população aproximada de 600 habitantes. Tradicionalmente, o padrão latifundiário de posse da terra definia a organização desses habitantes num sistema de classes de grandes e pequenos proprietários, rendeiros e trabalhadores rurais sem terra; também se encontrava presente uma pequena classe de proprietários-comerciantes e artesãos. Devido ao declínio da actividade agrícola após a II Guerra Mundial, muitas pessoas saíram de Vila Branca à procura de emprego, ora nos grandes centros urbanos como Lisboa, ora no estrangeiro, nas ex-colónias africanas. Este processo reduziu a população da comunidade severamente; permaneceu um número desproporcionado de habitantes idosos. Desde aquele tempo, no entanto, desenvolveram ou estabilizaram algumas fontes locais de trabalho: trata-se das pedreiras de mármore próximas e dos empregos na construção, mas também dos órgãos e repartições públicas locais. Se bem que a maior parte dos jovens tenha de partir de Vila Branca para encontrar trabalho, um certo número de famílias jovens tem podido assegurar empregos fixos dentro da área circunvizinha. Além disso, muitos casais mais velhos, que se tinham deslocado anteriormente para áreas urbanas, hoje olham para Vila Branca como um lugar possível para se reformarem, e têm mantido as suas casas familiares como recurso para realizar futuramente estes planos.

A organização da vida doméstica em Vila Branca baseia-se na família nuclear; os noivos idealmente procuram estabelecer um domicílio independente aquando do seu casamento. A idade média do casamento tem descido nos anos recentes para os homens; os que têm idades superiores a 50 anos casaram em média aos 27 anos, e aqueles com idades inferiores aos 50, aos 24,5 anos. Para as mulheres, as médias respectivas são de 23,7 e 21,4 anos. O número ideal de filhos é de dois, preferencialmente um rapaz e uma rapariga; mas o número de filhos por casal tem diminuído — os casais mais idosos, em média, tiveram entre três e quatro filhos, enquanto que os mais jovens agora costumam ter dois. Embora muitos casais novos tenham saído de Vila Branca em busca de emprego, aqueles que ficaram ou que já regressaram aguentaram a escassez de habitação disponível antes dos

⁶ N.T. - Pseudónimo para uma vila localizada no Distrito de Portalegre.

finais dos anos 70. Esta escassez consistiu não apenas num número reduzido de unidades, mas também num nível de vida inferior ao aceitável, incluindo a falta de casas de banho internas e um número de quartos insuficientes para os membros do grupo doméstico. Parte dessa situação de escassez foi criada por famílias que se tinham deslocado para áreas urbanas mantendo as suas casas na comunidade local para férias, mas boa parte também originou-se devido à falta de recursos para construir casas modernas até ao arranque do desenvolvimento mais recente.

A organização física de Vila Branca revela a sua história antiga e o seu estatuto anterior de centro administrativo importante. Entre o castelo da Reconquista e a igreja matriz, encontra-se a Rua Direita, ao longo da qual se situam as instituições governamentais anteriores, a Igreja da Misericórdia e o hospital, hoje em ruínas. Outrora, tratava-se da parte mais prestigiada da vila, ostentando muitas vivendas elegantes de proprietários abastados e diversos clubes sociais. Hoje, nesta rua, residem principalmente casais idosos e viúvas, alguns indivíduos e famílias, e turistas; em 1990, uma empresária recém-chegada abriu uma taberna numa vivenda de dois andares, amplamente remodelada, dum antigo proprietário abastado, e um restaurante para servir os turistas residentes na Rua Direita. Além disso, diversas casas têm sido compradas pela mesma empresária, para fins turísticos, mas uma série de outras moradias pertencem a holandeses, portugueses e um norte-americano, que as utilizam para visitas esporádicas a Vila Branca durante as férias.

O grosso da população permanente de Vila Branca, no entanto, reside para além e por baixo do antigo centro histórico da vila, nas áreas do Arrabalde. São três as fases distintas de desenvolvimento que caracterizam o povoamento do Arrabalde: a primeira delas parece estar associada com a construção de habitações para dependentes perto de alguns *montes* isolados pertencentes aos indivíduos abastados, e que até agora têm sido incorporadas na vila através de conurbação. Se bem que muitas destas casas tivessem sido construídas antes do presente século, lares adicionais foram acrescentados no final do século passado e no início deste por moradores que requereram à autoridade local da vila — a Junta de Freguesia — no sentido desta lhes ceder terreno para a construção de casas. A fase mais recente começou nos anos 70, após a chamada revolução marxista de 1974. Em ambas estas fases, foi utilizado terreno baldio pertencente à vila para finalidades de habitação, terreno esse convertido e subdividido para acomodar as necessidades residenciais e outros usos. No primeiro caso, a construção consistia em filas de casas dispostas numa forma linear, ao longo das ruas que irradiaram do antigo centro da vila: cada casa confina directamente com a rua sem qualquer espaço de transição, embora cada uma retenha um pequeno quintal na parte traseira. Nos anos 60, instalaram-se a electricidade e a água canalizada em cada casa, e, até ao início dos anos 70, completou-se um sistema de esgotos.

O desenvolvimento residencial mais recente — a urbanização — consiste em lotes, organizados conforme um padrão em grelha (ortogonal), ligados por ruas; cada lote destina-se a uma casa isolada ou semi-isolada, de um só agregado familiar, que possui um quintal à frente e outro por detrás, bem como garagem. A construção nesta urbanização começou no final dos anos 70 através do patrocínio duma agência governamental, que tomou a responsabilidade do planeamento da subdivisão, a criação de níveis minimamente aceitáveis de habitação e o fornecimento de assistência às famílias desejosas de construir casas.

A CASA “TRADICIONAL”

Na parte mais antiga de Vila Branca, aglomeradas perto do castelo e da igreja, encontram-se, em filas sucessivas, casas simples, que se distinguem por uma única divisão principal — a cozinha — que confronta directamente com a rua. Estas casas têm um ou mais quartos na área de trás e, às vezes, por cima, numa construção de tipo sótão (*loft*) os quartos de dormir, as dispensas ou, no passado, a cavaleriça para a mula da família (Fig. 1). Tradicionalmente, estes exíguos edifícios foram ocupados por trabalhadores sem terra, seareiros e pequenos proprietários que usavam a cozinha como espaço de trabalho para as actividades agrícolas, mas também como sala de estar. O elemento arquitectónico dominante da cozinha é a chaminé — uma lareira ampla e aberta utilizada para uma multiplicidade de funções incluindo o aquecimento, o cozinhar, o fumar das carnes e as reuniões sociais íntimas dos membros da família e amigos chegados; a chaminé é verdadeiramente a lareira — o centro da vida familiar — mas as suas funções provocam também uma situação suja e malcheirosa. Cozinhar e aquecer com lenha e carvão, mesmo nas chaminés melhor ventiladas, deixa a roupa, a pele e o cabelo cobertos por um resíduo fuligem, e as paredes interiores têm de ser frequentemente caiadas no sentido de as manterem limpas.

Com a chaminé localizada geralmente junto à porta da frente, estas casas apresentavam uma fachada exterior branqueada pela caição que, tradicionalmente, não era pontuada por quaisquer outras aberturas, como janelas; aglomeravam-se apertadamente, cada uma paredes-meias com a do lado. Muitas, embora não todas, tinham um quintal onde se cultivavam legumes e se guardavam os pequenos animais — porcos, cabras, cordeiros, coelhos ou pombos. Além disso, o quintal servia muitas vezes de quarto de banho e para proporcionar, nos meses de Verão, actividades de lavagem do corpo. Ao chegar aos anos 80, a sua ocupação por famílias e por pessoas idosas significava, necessariamente, que as actividades do viver quotidiano se estendiam normalmente até à rua estreita; considerava-se a rua imediatamente fora de cada casa como uma extensão do espaço

de viver. Nos dias quentes, as mulheres juntavam-se nas ruas, sentando-se em pequenas cadeiras para bisbilhotarem, fazer costura ou preparar comida para as refeições enquanto os seus filhos brincavam. Se bem que muita desta actividade tenha diminuído nos anos recentes devido ao decréscimo da população, algumas pessoas idosas ainda se juntam em frente da antiga Igreja da Misericórdia para conversarem nas horas frescas matinais, num dia de Verão.

CASAS NOVAS

Por altura da viragem do século, começou a construção de um novo tipo de casa nas áreas do Arrabalde por baixo do antigo centro histórico de Vila Branca. Estes prédios, consistindo principalmente de filas e de casas semi-isoladas, foram edificados num estilo de classe média urbana por uma classe de negociantes, artesãos e proprietários locais recém enriquecidos; apresentam um corredor centralizado, que abre directamente para a rua e que se estende completamente ao longo da casa, fazendo ligação entre todos os quartos. Geralmente, colocam-se janelas num ou dois dos lados da porta de frente. A casa de entrada constitui uma alternativa ao corredor, consistindo num grande quarto que também faz ligação com as outras divisões. Na parte detrás, encontra-se a cozinha com chaminé, que tradicionalmente abrigava a maior parte da vida familiar, e imediatamente fora, um quintal no qual se localizavam originalmente instalações de sanita (Fig. 2).

Além de ser uma nova forma de organização espacial, o corredor ou casa de entrada introduziu o conceito do espaço semi-privado, onde os habitantes podiam ter conversas com visitantes eventuais fora do alcance dos olhares indiscretos ou intrometidos dos vizinhos. Estas casas também se orgulhavam de ter um salão de um ou de outro tipo — sala de jantar, sala de visitas, sala comum, sala de estar — situado imediatamente por dentro e ao lado da porta de frente onde se convidavam os membros da família e os amigos a entrarem. A sala pretendia ser uma divisão afastada dos usos vulgares mundanos, para ser disfrutada em primeiro lugar para o atendimento formal de convidados; a família usava esta sala para se expor, para exhibir formalmente aos outros a forma das suas melhores mobílias, loiças, pratos, memórias, lembranças e fotografias. No entanto, restringia-se aos parentes e amigos mais íntimos o acesso à cozinha de trás, para além desta área formal.

CASAS SUBURBANAS

A urbanização mais recente em Vila Branca começou a ser construída em 1977 e compunha-se de algumas casas isoladas de dois andares, e outras semi-

-isoladas de um só andar. Desde aquela altura, foram edificadas aproximadamente 28 casas novas, sendo algumas delas estruturas isoladas de um só andar. Embora estes lares tivessem sido construídos por donos individuais, cada um destes tem de respeitar as normas governamentais no que se refere às dimensões mínimas dos quartos e ao tamanho e planta geral, os aspectos sanitários e de segurança, o número mínimo de casas de banho e de quartos de dormir, as técnicas de construção, etc. Os plantas por vezes são fornecidos por empreiteiros que as adaptam, com a assistência e a aprovação do governo, às suas próprias necessidades. As casas normalmente incluem uma cozinha moderna em que a chaminé tradicional tem sido substituída por um exaustor estilizado por cima do fogão, e frequentemente engloba também um frigorífico, uma máquina de lavar roupa, uma arca frigorífica e outros electrodomésticos. As casas são organizadas à volta dum corredor em forma de *T* ou de *L*, que liga dois ou mais quartos, um ou mais salas de jantar ou salas de estar, uma dispensa para armazenagem e um ou mais quartos de banho (Fig. 3).

Os quintais destes edifícios de estilo suburbano conformam-se a um tamanho estandardizado, já que a distância entre a casa e a rua é regulamentada pelo governo. As fachadas podem ter uma organização simétrica ou assimétrica, mas incluem uma ou mais janelas além da porta de entrada; normalmente, a entrada de frente abarca uma varanda ou marquise, que serve de espaço semi-privado para receber convidados. Cada casa é também rodeada por uma curta parede que contém um grande portão de metal para o caminho que conduz à parte de frente da casa, e um pequeno portão com uma campainha eléctrica para o passeio de entrada (*walkway*). Uma parede mais alta, de aproximadamente um metro de altura, separa o quintal próprio do do vizinho. O quintal de trás, actualmente, engloba uma garagem para o automóvel da família e a armazenagem de alfaia. Curiosamente, adjunta às estruturas da maioria das garagens situa-se a chaminé familiar “tradicional” que, dantes, nos dois tipos anteriores de residência, apenas se encontrava dentro da cozinha.

Será muitas vezes a chaminé a primeira estrutura completada num lote subdividido, e está funcional normalmente antes do próprio começo de construção da casa. De facto, muitas famílias usam a estrutura durante o processo de edificação da sua própria casa. Por regra, esta estrutura é chamada “casa de matança” ou “cozinha alentejana” se o seu uso é mais generalizado. A razão aparente dada pela sua construção é de abrigar as actividades para a matança de porco, acontecimento ritual que tem lugar anualmente no decurso de várias semanas, para o qual são convidados membros da família, no sentido de participarem no trabalho e no banquete festivo. A maneira tradicional de preservar o porco é salgá-lo e fumá-lo na chaminé durante duas ou mais semanas. Embora a matança do porco da família seja um acontecimento único, muitos residentes usam a cozinha ao longo

dos meses mais frescos, às vezes até ao longo de todo o ano (c.f. Lawrence 1982).

A cozinha alentejana normalmente contém muito mais do que a chaminé, e amiudadamente inclui uma mesa de jantar com cadeiras, algumas cadeiras pequenas para as pessoas se sentarem em redor da lareira e um fogão a gás para cozinhar. A água potável, e por vezes um frigorífico, também fazem parte do interior da cozinha alentejana, e muitas famílias colocam aí a televisão, para que o espaço possa ser usado durante todo o ano para cozinhar, comer e como espaço de relação. Às vezes, as famílias que têm cozinha alentejana nunca usam a cozinha formal no interior da casa, e por vezes essa divisão não tem sequer utensílios ou electrodomésticos. Os residentes deixam transparecer alguma vergonha se inquiridos sobre as duas cozinhas, mas explicam que preferem cozinhar na cozinha alentejana em vez de sujar a casa; é mais fácil e menos dispendioso aquecer-se com a lenha e o carvão tradicionais. Embora a cozinha alentejana seja o *locus* para as variadas actividades do grupo doméstico, nem todos na família necessariamente concordam com o seu uso. Por vezes, só um ou dois membros utilizam a cozinha, enquanto outros usam o resto da casa, apenas porque gostam de se sentar ao lado do lume com amigos ou isoladamente.

NOVOS ESTILOS DE VIDA, VELHAS FORMAS: VELHOS ESTILOS DE VIDA, NOVAS FORMAS

Se bem que apenas 28 novas moradias tenham sido construídas na urbanização desde os anos 70, praticamente todas as outras casas em Vila Branca têm sido, pelo menos em parte, renovadas ou restauradas. A renovação mais significativa, em quase todos os casos, tem sido a instalação de um quarto de banho interior, enquanto que os acréscimos de quartos e a modernização têm também ocorrido como uma coisa natural. Nas casas mais novas construídas na viragem do século, acrescento um quarto de banho e moderniza a cozinha e os outros quartos não tem sido difícil, visto que os edifícios são relativamente espaçosos, proporcionando o quintal de trás espaço adicional para a casa se expandir; muitos donos destas casas têm também acrescentado uma garagem na parte de trás do quintal com uma cozinha alentejana anexada, enquanto têm modernizado a cozinha interior seguindo as mesmas linhas das da nova urbanização.

Mais difíceis ainda são as renovações de casas no centro antigo da vila, que muitas vezes carecem de espaço para se alargar. Os donos destas estão mais dispostos a acrescentar casas de banho situando-as no espaço fornecido pela chaminé. São dadas várias razões por esta estratégia, mas a mais importante é a facilidade de ligação aos canais de água e esgotos que se localizam junto à porta de frente, perto da chaminé: esta estratégia reduz, significativamente, os custos

envolvidos no encaixe da canalização. Além disso, outros quartos dentro da casa podem já estar destinados a outras funções, parecendo muitas vezes pouco razoável aos residentes retirar espaço precioso nos quartos quando, por exemplo, outros membros da família precisam de sítios para dormir quando esporadicamente fazem visitas. Além disso, o tamanho da chaminé, com o seu interior fundo e alto, amiúde fornece espaço suficiente para construir as paredes que permitem abranger uma banheira, uma sanita, um bidé e um lavatório, sem que estes se estendam demasiado até ao interior da cozinha. Contudo, podem muitas vezes ser detectadas na fachada exterior provas desta transformação, pelo desaparecimento do topo da chaminé e o aparecimento duma pequena janela no meio duma parede, doutro modo caiada e vazia.

No entanto, um efeito secundário da construção da casa de banho dentro da chaminé, e algo surpreendentemente, é a adição frequente duma cozinha alentejana no quintal, que este fique na parte de trás ou ao lado da casa, ou do outro lado da rua. Aqui, opera a mesma estrutura moderna, com nova chaminé e cozinha em pleno funcionamento, como foi o caso outrora no interior; é aqui que se junta a família para cozinhar, comer, se aquecer e conviver. Voltam ao interior do edifício à noite para tomar banho e dormirem. Claro que muitas das casas no centro antigo da vila têm sido compradas por forasteiros para fins turísticos; por isso, foram completamente renovadas para incluir uma cozinha moderna e um quarto de banho, bem como espaços de convívio, varandas e quartos de dormir; apenas algumas têm mantido chaminés velhas, mas utilizam-nas prioritariamente como lareiras.

Ao apropriarem-se de novas formas construídas, os habitantes de Vila Branca reproduziram alguns comportamentos e relações familiares que, com todas as probabilidades, não foram previstos pelos seus criadores, nem encontravam difundidos. Os residentes continuaram a manter um padrão geral dum complexo de comportamentos de lareira, que incluem a cozinha, o comer, o aquecer-se e o convívio no espaço ocupado pela chaminé, apesar da introdução da cozinha moderna. A maioria das mulheres, hoje, utiliza principalmente fogões a gás para cozinhar, mas muitas vezes colocam os seus fogões dentro da chaminé, aproveitando esta última para exalar os odores dos alimentos preparados; aquelas que não cozinham dentro da chaminé, ou que retiram o fogão para fumar os enchidos, podem usar a chaminé para fazer lume para se aquecerem durante os meses do Inverno, apesar de usarem noutros lados aquecedores eléctricos. Não é invulgar encontrar uma família na cozinha alentejana, ao anoitecer, ao redor do lume, vendo televisão após a refeição vespertina. Estas novas combinações de formas arquitectónicas e comportamentos caracteristicamente alentejanas proporcionam alguns momentos fascinantes para a etnógrafa.

Em várias ocasiões, tenho sido convidada a almoçar ou jantar na casa dum

casal cujos elementos foram os primeiros a construir moradia nova na urbanização. A vivenda é de dois andares: no rés-do-chão há uma oficina de metais com um quarto de banho e uma mercearia pequena; no primeiro andar encontra-se a residência propriamente dita — uma sala de estar, sala de jantar, cozinha, casa de banho e três quartos de dormir. No quintal há uma cozinha alentejana com chaminé, mesa de jantar e cadeiras, água potável, lavatório, fogão e frigorífico: todo o cozinhar, comer e vida familiar em geral estão centrados neste espaço. Na maioria das ocasiões, tenho sido recebida também neste espaço, até nos feriados importantes; mas uma vez, quando acompanhada por um colega americano, fomos servido o almoço na cozinha, não na sala de jantar no primeiro andar. A refeição foi preparada na cozinha alentejana e levada, prato após prato, para cima ao primeiro andar. Explicou a família anfitriã que fazem o mesmo quando usam a sala de jantar para ocasiões familiares especiais, preparando todos os alimentos na cozinha alentejana e levando-os para dentro para serem comidos, um prato de cada vez. Quando perguntei a razão pela qual não usavam a cozinha interior, a esposa respondeu que nunca a tinha usado, e que foi mais cómodo cozinhar no espaço exterior.

Repete-se esta aparente anomalia nas casas de um certo número doutros residentes da urbanização, e até noutras secções de Vila Branca, embora talvez não de modo tão extremo. Dentro de uma casa, a cozinha permanece um espaço vazio mas decorado, com uma planta grande em vaso ocupando o lugar reservado futuramente a abrigar o fogão, enquanto a cozinha alentejana é totalmente mobilada e usada continuamente. Contudo, nem todos seguem estes padrões de comportamento; algumas mulheres insistem em cozinhar e servir as refeições às suas famílias na cozinha no interior das suas casas, e utilizam aí aquecedores eléctricos. Noutro caso, a esposa prefere cozinhar e servir as refeições dentro da casa onde, mais tarde, passa o serão vendo televisão, enquanto o marido se retira à cozinha alentejana, sentando-se sozinho na chaminé. Outra família, que tinha remodelado uma enorme casa herdada da família da mulher, tinha o luxo de possuir duas chaminés; uma converteu-se em lareira com o espaço original tornando-se sala, enquanto que a outra, localizada num espaço que servia simultaneamente de garagem e cozinha, servia a família diariamente.

Em contraste com a cozinha moderna, a casa de banho moderna é regular e reconhecidamente usada por aqueles que a instalaram. Nos finais dos anos 70, quando se construíram os primeiros prédios na urbanização, o número de casas de banho interiores em pleno funcionamento em Vila Branca não chegava a 20. As funções desta — como o lavar das mãos, usar a sanita e tomar banho — eram efectuadas em espaços diferentes. Nos prédios mais antigos, havia uma bacia ao lado da porta e da chaminé na cozinha; os habitantes descrevem o processo de se banharem como inconveniente, requerendo um labor árduo de aquecer a água e

encher a banheira, que muitas vezes se encontrava num quarto de armazenagem. As funções de eliminação eram frequentemente feitas num anexo (*outhouse*) no quintal, ou por meio do uso dum balde despejado em pleno campo.

Os residentes salientam que, em tempos anteriores, os proprietários abastados eram os únicos capazes de construir casas de banho nos seus quintais privados, e de empregar criados para os ajudarem a preparar os banhos. Os habitantes mais pobres referem-se à sua própria higiene pessoal embaraçosamente, até com uma nota de vergonha, porque careciam dos recursos para poderem levar a cabo estas actividades facilmente, frequentemente ou com uma privacidade completa. Na melhor das condições, tomava-se banho uma vez por semana, e uma visita ao quarto de banho podia obrigar a sair para ir ao quintal, à vista plena dos vizinhos, ou ir desde casa própria, com um balde, até aos campos do outro lado do castelo. Assim, além da conveniência, uma das grandes vantagens da canalização interior tem sido o assegurar da privacidade individual para as actividades higiénicas dentro do lar. Uma habitante explicou que, antes de construir uma casa de banho interior, não estava convencida de que isso era necessário — era uma vaidade — mas agora sentiu que não podia viver sem ela, especialmente no meio da noite.

Se bem que praticamente toda a gente tenha possibilidades de ter a privacidade e a conveniência do serviço de casa de banho dentro da sua residência, nem todos as adquirem exclusivamente para as suas próprias necessidades pessoais. De facto, os idosos não parecem tomar banho mais frequentemente hoje do que no passado, embora o contrário se verifique no caso dos jovens. Muitas famílias residindo na secção mais antiga da vila sentem-se pressionadas a encontrar espaço para uma casa de banho para se adaptar às necessidades dos membros do grupo doméstico ou visitantes. Uma mulher afirmou em que a filha, que trabalhava e vivia em Lisboa, se recusou voltar a casa para visitar a família se esta não construísse um quarto de banho; dado que a filha muitas vezes trazia amigas à terra com ela, esperava que a sua família lhe proporcionasse o papel de boa anfitriã, com os mesmos confortos de que ela disfrutava na cidade. Outra, ainda, sugeriu que era embaraçoso para o seu filho trazer a mulher e filhos de visita, porque estavam habituados a ter um quarto de banho na sua casa urbana. Frisava no entanto que não gastaria dinheiro a construir um quarto de banho na sua casa arrendada, até que tivesse a possibilidade de a comprar à prima, que até então se tinha recusado a vendê-la.

APROPRIAÇÃO DE FORMAS HABITACIONAIS BURGUESAS

Até à introdução do prédio suburbano com o seu quarto de banho interior obrigatório, a adição mais significativa à casa alentejana “tradicional” foi a sala

e — desde que o espaço o permitisse — uma sala de entrada; ambas estas divisões relembram as primeiras inovações burguesas nas formas de apartamentos urbanos no continente europeu. Elementos desta ordem espacial, importados de áreas urbanas durante o século XIX e os começos do século XX pelas classes médias locais, finalmente penetraram até muitos dos lares de trabalhadores rurais sem terra. Um habitante no centro antigo da vila orgulhou-se duma sala no sótão do primeiro andar de sua casa — um espaço quase inacessível a todos, mas particularmente aos visitantes; embora mobilada com um sofá e fotografias de família, admitiu que na verdade nunca a usava. Outra mulher mostrou os seus planos para dividir a cozinha antiga — praticamente sem uso desde a construção doutra cozinha — em duas novas divisões de casa de entrada e sala de jantar. Desta forma, constituem novos comportamentos e valores o criar dum espaço de apresentação formal da família e o amortecer de contactos entre a família e a esfera pública, estes aprendidos e facilitados através da introdução e apropriação de formas arquitectónicas.

Há outros valores familiares e comportamentos que continuam a evoluir através de formas construídas, e que têm continuidade com as ideias de estilos de vida introduzidas no século passado. A noção oitocentista de que a cozinha e, mais especificamente, a chaminé, são zonas sujas e malcheirosas, são conceitos que vivem com plena força em Vila Branca. A realocização da cozinha alentejana, com a sua chaminé tradicional no quintal, é um acto orientado para a remoção dos elementos poluentes e a preservação da limpeza do interior da casa; contudo, a apropriação da nova cozinha moderna, com o seu fogão ventilado, não eliminou necessariamente os medos dos odores impuros e desagradáveis da cozinha. Na maioria das casas novas, bem como nas antigas, a cozinha e a sala de jantar são separadas entre si pela maior distância possível, mesmo quando a cozinha alentejana se localize no exterior, e mesmo se esta última seja o lugar prioritário para as actividades diárias de cozinhar e comer.

Se bem que a maioria das famílias tenha desde há tempos afirmado a preferência por proporcionarem um quarto de dormir a cada filho, nem sempre existem recursos para satisfazer estes desejos. No mínimo, os filhos de sexo oposto devem dormir em quartos diferentes mas, se apenas houver um quarto, dorme com os pais um deles, normalmente a filha ou o mais novo. Os irmãos do mesmo sexo quase sempre partilham um quarto; num caso, esta economia de quartos permitiu a construção duma sala de estar quando se edificou a nova casa na urbanização. No entanto, nas diversas secções da vila diferem algo os comportamentos das crianças; os que residem em casas mais recentes usam os seus quartos mais frequentemente para estudar ou para visitas de amigos, enquanto que aqueles que vivem no centro antigo da vila utilizam a cozinha para trabalhar e a sala (se houver) para visitas. A ideia da privacidade, e da criança e o seu desenvolvimento

individual, assim, exprime-se com maior firmeza nas residências maiores da classe média, construídas no final do século passado e posteriormente, mas continuam a difundir-se enquanto avança a remodelação e a nova construção noutras secções da vila. Estas variações podem derivar de diferenças de rendimentos, de educação e de classe social entre estas famílias.

Mais recentemente, contudo, uma paixão pelo quarto de banho tem dominado os interesses dos residentes ao modelar as suas casas e os seus estilos de vida. Seguros de que estas comodidades não introduzem odores indesejados no interior do lar, como acontecia outrora com uma tecnologia menos eficiente, os habitantes colocaram-nos numa variedade de sítios. Ao construir e renovar as casas mais novas, os residentes têm podido incorporar quartos de banho facilmente nas suas plantas, geralmente próximas dos quartos, mas os habitantes de edifícios mais antigos têm chegado à conclusão de que o espaço é um problema; a solução mais comum é a de colocar a casa de banho dentro da chaminé, onde muitas vezes se podem manter algumas funções de cozinhar, comer ou conviver naquilo que resta da cozinha adjacente. Embora a casa de banho forneça um espaço privativo no qual os indivíduos possam proceder a lavagens e dejectão, as divisões adjacentes não oferecem muita privacidade de acesso para os outros membros do grupo doméstico ou convidados. Algumas das famílias mais jovens, mas menos abastadas, na parte antiga da vila, têm procurado alternativas, incluindo a de situar a casa de banho na antiga cavalaria ou despensa.

Para a maior parte das apropriações de novas formas construídas em Vila Branca — as salas, o quarto de banho e a cozinha alentejana — são dadas explicações perfeitamente racionais que se relacionam com a melhoria de níveis de vida, da higiene pessoal e da limpeza caseira em geral, mas as implicações destas mudanças a longo prazo não são geralmente reconhecidas. As anomalias na forma construída e no comportamento expressas na manutenção de duas cozinhas (uma das quais realmente usada como a lareira antiga, e a outra um bem moderno decorativo), ou a substituição da chaminé pelo quarto de banho nas remodelações de velhas casas, são assuntos geralmente inexplorados pelos habitantes. Uma sonora gargalhada, ou uma reafirmação de que não há nenhuma outra forma razoável de construir, emperra definitivamente a questão. Apesar destas anomalias, no entanto, o consumo da cozinha moderna e a substituição da lareira — o coração social do lar — por um espaço privativo usado por um indivíduo, constituem ideias mais que irónicas. Significam uma transformação do significado fundamental da casa, de um lugar de trabalho rural e colectivo, para um espaço de lazer burguês que alimenta a privacidade individual e o desenvolvimento pessoal.

CONCLUSÃO

Ao apropriar inicialmente formas construídas novas como a casa suburbana ou atributos a ela associados, os habitantes empregam modos e sentidos dentro dos quais já foram parcialmente integrados, mas que não são necessariamente sentidos com os quais tivessem tido uma ampla experiência tangível. As pessoas desejam a cozinha e a casa de banho modernos por aquilo que sabem que prometem na prática e no uso, mas também pelo seu sentido simbólico; contudo, a apropriação destas formas através da plena construção e uso dá origem a uma realidade diferente, e alarga o processo de socialização. As novas formas podem ajudar a mudar padrões antigos de comportamento, tais como o fazer da higiene pessoal uma tarefa privativa, mas podem também estimular a produção de novas formas construídas adicionais, como a cozinha alentejana.

As formas construídas e os comportamentos aparentemente anómalos em Vila Branca, que agora já chegaram a ser formas residenciais propriamente institucionalizadas, representam as consequências inesperadas da apropriação pelos habitantes das novas formas construídas suburbanas. A cozinha moderna já não abrange as funções anteriormente integradas na lareira, como o cozinhar, o aquecer, o comer e o conviver; antes fragmenta e recombina essas funções com outras actividades. Em vez de se aquecer na chaminé na companhia doutros, utiliza-se um aquecedor eléctrico e olha-se para a televisão, sózinho ou acompanhado, na sala. O desejo de continuar a combinação de funções da lareira dentro da cozinha alentejana, no entanto, estimula a institucionalização duma nova forma construída, uma alternativa ao bem moderno. Por outro lado, as funções de evacuação e de lavagem, anteriormente fragmentadas e socialmente embaraçantes, relegadas para a cozinha e para o quintal, hoje têm sido consolidadas e trazidas para dentro, com vista a acomodar as necessidades higiénicas e encorajar o desenvolvimento dos comportamentos privativos individuais.

Porventura, o efeito inesperado mais esclarecedor destas transformações é a redistribuição de funções. As funções de dejectão, dantes remetidas para o exterior, têm sido consolidadas e trasladadas para dentro do lar, enquanto que as actividades antes compondo o cerne da vida familiar no interior da casa têm sido transferidas para fora, até ao quintal; este rearranjo de espaços, mais do que qualquer outro, significa que os valores da vida caseira contemporânea, quanto à provisão de apoio para a privacidade individual, começaram hoje a suplantam a intensidade da actividade social e dos valores familiares de convivialidade associados à lareira. A transformação será completa apenas quando a cozinha alentejana, e as suas funções associadas de lareira, desapareça de vez. Alternativamente, o processo culminará quando a forma material seja plenamente apropriada para um novo conjunto de actividades burguesas — algo parecido com o churrasco

norteamericano —, onde o cozinhar torna a ser um acto predominantemente cerimonial.

Julho de 1995.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre (1977) *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FOUCAULT, Michel (1975) *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. New York: Vintage.
- GIDDENS, Anthony (1984) *The Constitution of Society*. Berkeley: University of California Press.
- GRUMANN, Carl (1976) "The Concept of Appropriation (*Aneignung*) and Modes of Appropriation", Perla Korosec-Serfaty (org.) *Proceedings of the Third International Architectural Psychology Conference at Louis Pasteur University, Strasbourg*: 113-125.
- GUERRAND, Roger-Henri (1990) "Private Spaces (Scenes and Places)", Michele Perrot (org.) *A History of Private Life: Vol. 4 - From the Fires of Revolution to the Great War* (trans. Arthur Goldhammer). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; 359-450.
- HAREVEN, Tamara (1991) "The Home and the Family in Historical Perspective", *Social Research* 58, 1: 253-285.
- HOLSTON, James (1989) *The Modernist City: An Anthropological Critique of Brasilia*. Chicago: University of Chicago Press.
- KENT, Susan (1984) *Analyzing Activity Areas: An Ethnoarchaeological Analysis of the Use of Space*. Albuquerque: University of New Mexico Press
- KING, Anthony (1980) *Buildings and Society: Essays on the Social Development of the Built Environment*. London: Routledge & Kegan Paul.
- KOROSEC-SERFATY, Perla (1985) "Experience and the Use of the Dwelling", I. Altman & C. Werner (orgs.) *Home Environments*. New York: Plenum; 65-85.
- LAWRENCE, Denise (1982) "Reconsidering the Menstrual Tabão: A Portuguese Case" *Anthropological Quarterly* 55, 2: 84-98.
- LAWRENCE, Roderick (1990) *Le Seuil Franchi*. Geneva.
- MUMFORD, Lewis (1961) *The City in History: Its Origins, its Transformations, and its Prospects*. New York: Harcourt, Brace & World.
- PERROT, Michele (1990) "At Home (Scenes and Places)", M. Perrot (org.) *A History of Private Life: Vol. 4 - From the Fires of Revolution to the Great War* (trans. Arthur Goldhammer). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; 341-358.
- RABINOW, Paul (1989) *French Modern: Forms and Norms of the Social Environment*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- RAPOPORT, Amos (1969) *House Form and Culture*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- RYBCZYNSKI, Witold (1986) *A Short History of an Idea: Home*. New York: Viking.
- SHORTER, Edward (1975) *The Making of the Modern Family*. New York: Basic Books.

Est. I

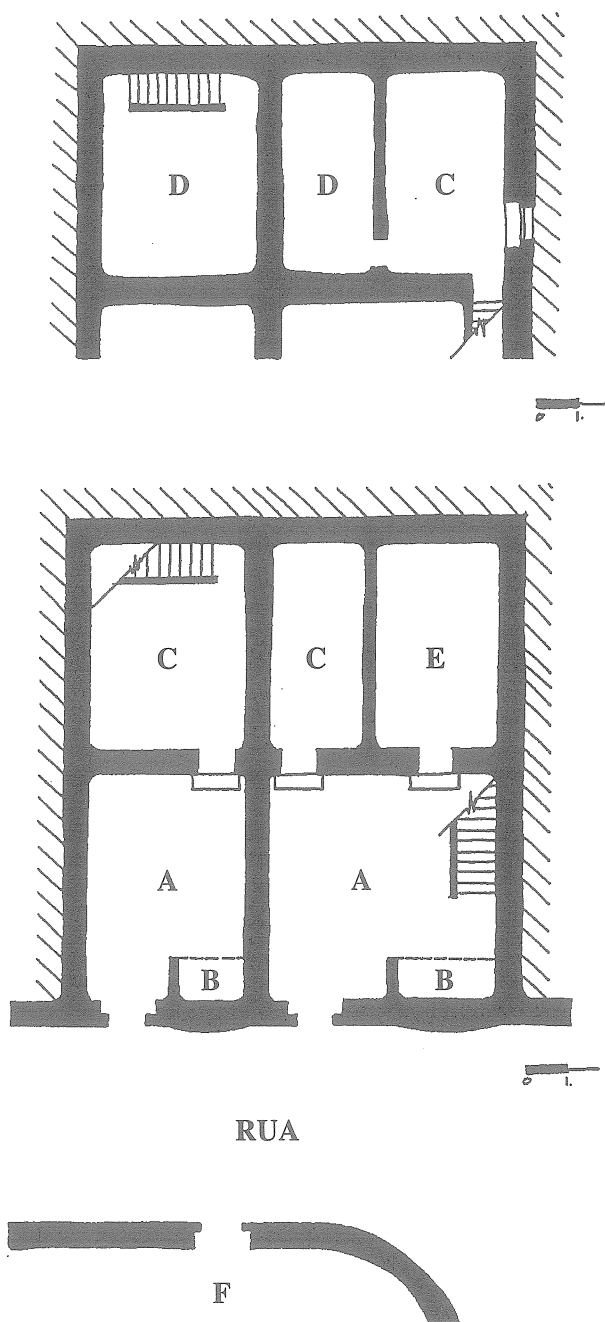


Fig. 1 - Duas casas tradicionais. A. Cozinha; B. Chaminé; C. Quarto; D. Dispensa (sótão); E. Antiga cavaleriça (quarto); F. Quintal. Desenho: Dana Hendrix.

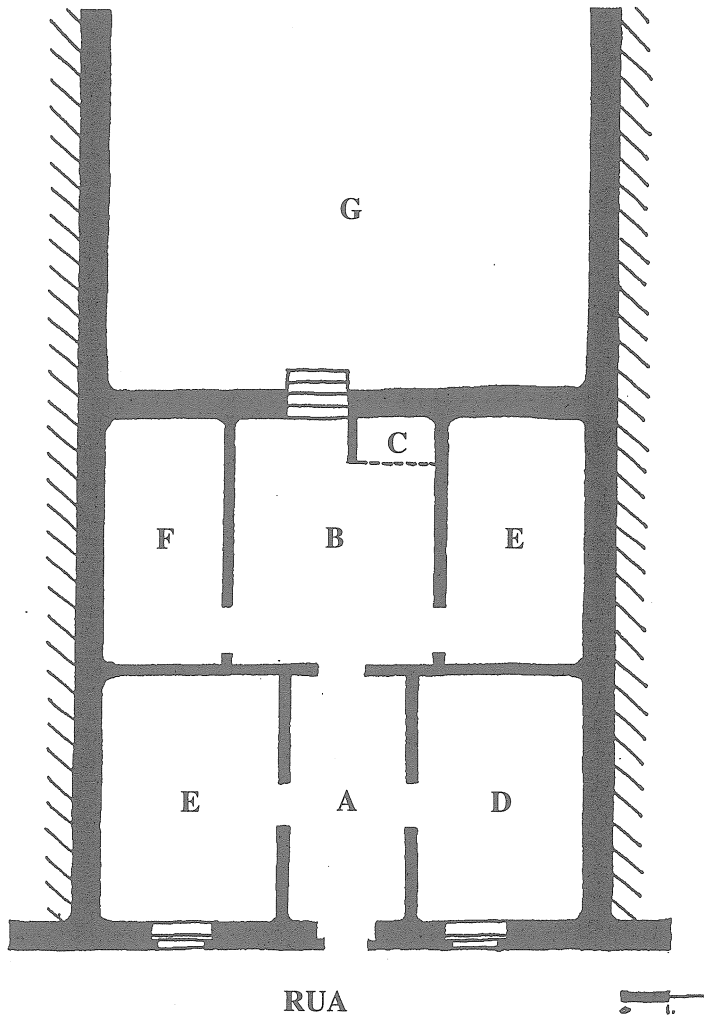


Fig. 2 – Casa nova. A. Casa de entrada; B. Cozinha; C. Chaminé; D. Sala (de jantar); E. Quarto; F. Dispensa; G. Quintal. Desenho: Dana Hendrix.

Est. III

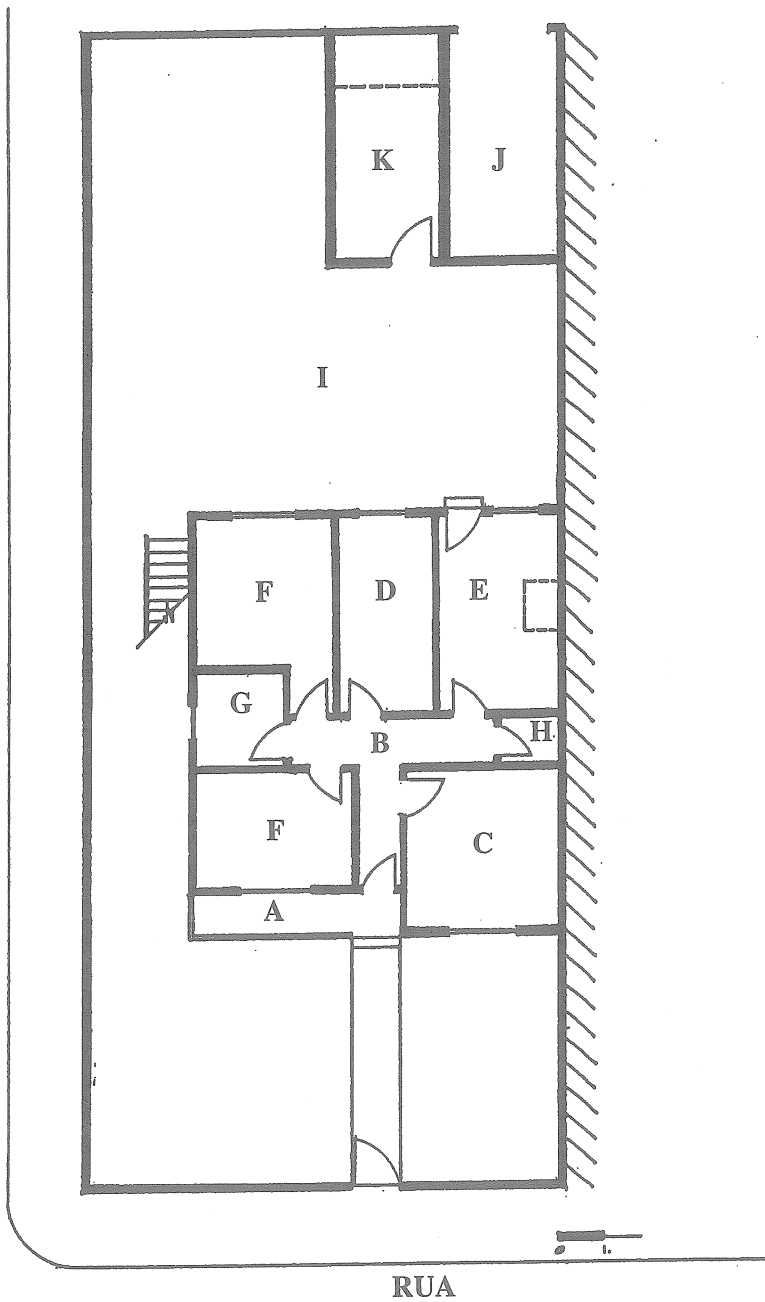


Fig. 3 – Casa suburbana. A. Varanda; B. Corredor; C. Sala de jantar; D. Sala de estar; E. Cozinha; F. Quarto; G. Casa de banho; H. Dispensa; I. Quintal; J. Garagem; K. Cozinha alentejana (com chaminé). Desenho: Dana Hendrix.